

A CRÔNICA ESPORTIVA: COMO INSTRUMENTO DE INTERAÇÃO SOCIAL PARA O ALUNO INTERNACIONAL

Isabel Cristina POZZI³⁶

RESUMO

A motivação para esta pesquisa foi influenciada pelo fato que percebemos que quanto melhor é a convivência do estrangeiro com os brasileiros melhor também será o seu aprendizado. Este aprendizado será mais prazeroso quanto mais inserido na sociedade brasileira estiver o aluno internacional.

Sendo assim, escolhemos o futebol como sendo esta ponte que vai permitir ao aluno internacional fazer amigos brasileiros com mais facilidade, conversar no bar, na praia, no restaurante com quem estiver perto dele e se adaptar melhor à nova sociedade onde ele está vivendo. Iremos analisar a crônica de futebol sob a ótica funcionalista e destacando as expressões metafóricas e usaremos com base da nossa análise de dados os conceitos de Lakoff & Johnson.

PALAVRAS-CHAVE: Interação social; futebol; aprendizado e linguagem coloquial

Introdução

A motivação desta pesquisa foi influenciada pelo fato de que percebemos que quanto melhor é a convivência do estrangeiro com os brasileiros melhor também será o seu aprendizado. Este aprendizado será mais prazeroso quanto mais inserido na sociedade brasileira estiver o aluno internacional.

Sendo assim, escolhemos o futebol como sendo esta ponte que vai permitir ao aluno internacional fazer amigos brasileiros com mais facilidade, conversar no bar, na praia com quem estiver perto dele.

Escolhemos como tema da nossa pesquisa a análise da crônica de Paulo Cezar Caju no caderno de esportes do Jornal “O Globo” – veículo que representa bem a mídia escrita carioca. Paulo Cezar foi o primeiro jogador brasileiro a ser vendido para Europa,

36 Isabel Cristina Pozzi – Especialização em Português para Estrangeiros e graduação em Letras Português/Inglês concluídos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email: isabelcpozzi@gmail.com

logo após a Copa de 70, jogando na França por alguns anos, no time Olympique de Marseille. O comentarista coloca toda sua energia e experiência nos seus comentários semanais sobre o esporte favorito dos brasileiros.

A escolha do tema – o discurso esportivo – para a pesquisa foi motivada pelo fato de as crônicas esportivas serem bem mais informais do que as demais matérias dos jornais. As crônicas usam um registro bem coloquial ao se dirigirem ao seu leitor que algumas vezes são semelhantes às conversas de botequim. Apesar de informalidade o texto é bastante intenso e autoral. Portanto pretendemos destacar e definir as expressões metafóricas existentes no discurso da crônica de Paulo Cezar.

Por que escolhi a crônica? Transcrevemos aqui parte do artigo de Clarice Reischstul³⁷ para a Folha de São Paulo: “A crônica é um texto que fica entre a literatura e o jornalismo. Pode-se escrever sobre as experiências pessoais do autor e adicionando a elas algumas pitadas de ficção. A crônica é um gênero literário de redação curta e de leitura leve”

Relevância da pesquisa

Acreditamos que a relevância da nossa pesquisa para o estudo de PLE está baseada no fato de o futebol ser um esporte venerado pela grande maioria dos brasileiros e o aluno internacional para se sentir adaptado ao mundo carioca/brasileiro precisa conhecer esta faceta tão característica da rotina da cidade. Como as crônicas do Paulo Cezar usam efeitos linguísticos e referências ao cotidiano carioca/brasileiro, percebemos que o aluno estrangeiro recém-chegado talvez não alcance as entrelinhas da mensagem que o cronista quer transmitir ao seu leitor. Por esta razão, consideramos válida a nossa pesquisa que certamente irá enriquecer o vocabulário e a expressão oral e escrita do estudante internacional bem como esclarecer o contexto situacional que envolve o futebol como um todo.

A nossa pesquisa tem base de análise qualitativa visando destacar e detalhar as peculiaridades da linguagem utilizada pelo comentarista, dando ênfase às expressões metafóricas.

37 Clarice Reischstul é colunista da Folha de São Paulo, escreve sempre aos domingos.

Fundamentação teórica

A crônica é uma voz de opinião, portanto um discurso que busca a interação com seu ouvinte/leitor nos moldes das teorias funcionalistas e da análise do discurso. Vamos nos apoiar principalmente na visão de Neves (1997) com sua proposta da Gramática Funcional e nas ideias de Lakoff e Johnson (2002) sobre a **Teoria da Metáfora Conceptual** para fundamentar nossa pesquisa.

Iniciamos com a colocação de Neves (1997) sobre como o discurso influencia a gramática e vice-versa. “As reflexões de base funcionalista propõe estudar as relações entre o discurso e a gramática”. Neves reforça sua posição citando Du Bois³⁸ (1985) que nos explica com clareza: “a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática” e continua “ a gramática é feita a imagem do discurso, **mas** o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática”. Podemos então concluir que a gramática e o discurso são como o carro e a roda precisam estar juntos para fazer um universo harmonicamente dinâmico. Um sem o outro não consegue existir em plenitude.

Caldas-Coulthard³⁹ define com sabedoria o contexto e iremos precisar desta definição durante a nossa análise de dados. A autora nos propõe pensar o contexto e o discurso de forma clara e estabelecendo a relação entre eles: “todos os discursos estão localizados em contextos sociais.” (2007).

“Textos, gêneros e discursos são maneiras de falar, escrever e agir sobre o mundo. Através dos discursos, construímos as práticas sociais que, por sua vez, nos constroem como membros de uma sociedade e como indivíduos.”

Qualquer texto cria e depende da relação entre a escritora/falante e a leitora/ouvinte e o significado textual depende desta relação – não somente do que a escritora escreve, mas também da interpretação feita pela leitora.

Este é um ponto muito importante. (ibidem)

Outra definição que entendemos como muito importante é a de Halliday⁴⁰ sobre contexto, onde o teórico apresenta o contexto e o texto como dois aspectos do mesmo processo. Sua definição de contexto é excelente porque sintetiza tudo que já ouvimos sobre o assunto: “contexto é o que vem com o texto, o que acompanha o texto, o ambiente no qual o texto foi produzido ou onde ele foi colocado. O contexto é como

38 Du Bois, J.W. – Competing Motivations In: Haiman. J. (Ed) Iconicity in Syntax; Amsterdam, John Benjamins; 1985, p.345-65.

39 Carmem Rosa Caldas Coulthard- Desvendando Discursos –conceitos básicos – Editora da UFSC – Florianópolis, 2007.

40 Michael Halliday – Language, context and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective.- Deakin University Press, Australia, 1985.

uma ponte que leva o texto até a situação onde ele acontece, onde ocorre⁴¹”. A definição de Halliday (1985) será a base para podermos analisar o momento que vive o futebol brasileiro, um momento delicado, onde estamos quase perdendo o nosso status de melhor do mundo. Se não ganharmos a Copa de 2018, continuaremos pentacampeões, mas não seremos mais únicos nesta posição privilegiada. Corremos o risco de sermos alcançados pela Alemanha ou pela Itália. A primeira dispõe atualmente de uma equipe tecnicamente perfeita, onde o conjunto pesa mais que os talentos individuais dando a ela chances de repetir o desempenho brilhante de 2014 em 2018. A Itália está em posição menos vantajosa, portanto será uma ameaça menos importante ao Brasil na Copa de 2018.

E complementando a nossa fundamentação, destacamos as ideias de Lakoff e Johnson (2002) que salientam a importância da metáfora na forma de pensar e se expressar do homem contemporâneo. Segundo os teóricos, a metáfora está inserida na nossa vida cotidiana de tal modo que ela nos parece invisível. O homem moderno se utiliza das metáforas para construir seus enunciados na situação comunicativa seja ela escrita ou oral. A metáfora pode ser encarada como “*ingrediente*” da produção linguística cotidiana do ser humano. Ela faz parte do DNA da linguagem coloquial, saindo do seu pedestal de realeza literária e retórica para entrar na comunicação diária. Como reforça Lakoff: “Nosso sistema conceptual e ordinário, em termos do qual, não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. Estes conceitos governam a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais”. (2002)

Lakoff analisa detalhadamente uma metáfora bastante comum na nossa sociedade – **Discussão é guerra** – quando discutimos usamos todos os termos utilizados por um conflito militar. Comumente, ouvimos:

- a) Os argumentos dela são indefensáveis.
- b) Destruímos sua argumentação.

Ao lermos o exemplo A percebemos que **os argumentos** se assemelham às fronteiras ou territórios fora de alcance que se tornaram indefensáveis. E no exemplo B **destruímos** sua argumentação nos remete a imagem de estarmos destruindo os submarinos ou talvez a cavalaria do inimigo. O conceito de inimigo/adversário está muito presente na discussão na nossa cultura. Usamos os termos bélicos quase sem perceber e temos dificuldade de pensar na palavra discussão sem evocar o conceito de batalha, de disputa.

41 Tradução nossa do original em inglês.

O conceito de guerra/batalha usado de forma metafórica é bastante comum nas crônicas esportivas onde o time adversário se comporta como inimigo dentro do campo. As torcidas organizadas igualmente se consideram inimigas umas das outras. A disposição das torcidas no Maracanã (estádio carioca mundialmente famoso) é digna de um plano de ataque, elas são separadas por cerca e recebem policiamento ostensivo durante os jogos reafirmando o conceito metafórico de que o torcedor do outro time é meu inimigo mortal. As torcidas inglesas e alemãs também se comportam de forma semelhante. Existe uma atmosfera de violência e rivalidade nos jogos de futebol profundamente associado ao conceito de guerra. Futebol também é guerra, veremos isso a seguir na análise de dados e como este conceito tem influência marcante nas crônicas esportivas e como o futebol como é importante veículo de interação social no Brasil.

Análise de dados

Usaremos como corpus a crônica “Apresentar armas. Sentido!” publicada no Jornal “O Globo” com o objetivo de destacar as expressões de efeito metafórico e outras expressões de cunho popular da linguagem coloquial do português carioca. Vamos acrescentar a esta análise os conceitos de contexto como roupagem situacional do discurso onde será enfocada a atmosfera de fracasso da seleção brasileira. Este contexto de insatisfação e indignação permeia a escrita polêmica do cronista escolhido.

Referente à noção de contexto, podemos considerar as crônicas de Paulo Cezar dentro da dimensão macro afinal ele escreve para um dos jornais mais importantes do país e do Rio de Janeiro. Agora quanto ao gênero da crônica esportiva, classificaremos como bem define Branca Telles Ribeiro⁴², a crônica do PC “é um papo solto, uma conversa informal”.

Neste item, vamos analisar a crônica de forma detalhada, destacando os eventuais efeitos de linguagem e algumas expressões metafóricas que o autor se utilizou para chamar atenção do leitor. Pretendemos ainda esclarecer o contexto situacional do futebol e sua importância e atualidade na vida cotidiana do carioca. Paulo Cezar escreve num estilo bem autoral, expressando sua emoção e chamando o leitor a refletir com sobre o tema publicado.

42 Branca Telles Ribeiro – A noção de Contexto na Análise do Discurso In: Desvendando discursos: conceitos básicos. Editora da UFSC, Florianópolis, 2007 (p.45-79)

Análise da crônica- Apresentar armas! Sentido!!!! – 25.09.2014 – anexo 1

O título remete ao chamamento do exército – Apresentar armas! – O cronista está comparando o time da seleção a uma equipe militar. Esta situação foi gerada por causa do corte do jogador Maicon que chegou atrasado aos treinos, atraso causado por uma falha na comunicação entre ele e o técnico Dunga. O fato levou a dispensa do jogador da equipe brasileira. Paulo Cezar aponta com clareza a associação comparativa do time esportivo com uma equipe de comando militar e finaliza o primeiro parágrafo, dizendo que os oficiais preferem os uniformes camuflados que são usados em campos de batalha para confundir o inimigo. Nessa crônica temos ressaltada, de forma enfática, a metáfora segundo os conceitos de Lakoff e Johnson (2002) onde a ideia de comparação “de vivenciar, de experimentar uma coisa no lugar da outra”. O futebol é um esporte onde o único equipamento em campo é a bola disputada de maneira acirrada pelas duas equipes e o gramado se transforma num campo de batalha no texto em análise pelo uso dos termos pertinentes ao universo militar. O cronista não se refere aos diretores da CBF e sim os nomeia como oficiais, termo genérico para denominar o conjunto de membros do exército.

O autor fortalece a ideia do regime militar novamente no segundo parágrafo - “Maicon, meia volta, volver! ” – Outra ordem militar bastante comum nos quartéis. A expressão “**Meia volta, volver!** ” É uma voz de comando militar que ordena ao soldado/oficial que faça sua marcha em sentido contrário. No caso do texto, “**Meia volta, volver**” foi a ordem dada a Maicon para voltar para casa assim que chegou para o treinamento da seleção em virtude do atraso de 11 horas.

A seguir, Paulo Cezar, escreve “**estamos a léguas de distância de nossos adversários – e observamos a Alemanha e a Espanha pelo retrovisor**”. Na sentença grifada, o cronista acentua a característica da disputa mundial de futebol com uma corrida de carros onde nós, brasileiros, por sermos pentacampeões, estamos percebemos a aproximação rápida da seleção alemã, que já alcançou o título de tetracampeão da mesma forma que a Itália. Os adversários alemães e italianos estão se aproximando e ameaçando a posição, até então, exclusiva da seleção brasileira com os cinco títulos conquistados. O cronista salienta a diferença marcante de desempenho entre as equipes mundiais para enfatizar esta ideia; ele escolheu o substantivo **léguas** e não quilômetros por ser léguas um vocábulo que era usado nos tempos antigos onde os camelos eram animais de transporte e andavam léguas pelo deserto. O vocábulo “**légua**” tem como

definição no dicionário: Medida itinerária antiga, de valor variável. Léguas quilométricas, léguas de 4 km.

Logo, concluímos que a nossa seleção está quatro vezes mais distante da capacidade técnica dos adversários alemães e italianos. A opinião do autor reflete que estamos com chance, *estamos longe, bem longe de* conquistar o campeonato em 2018 na próxima Copa que irá se realizar na Rússia. Nesse trecho, percebemos o jogo de futebol sendo comparado a uma corrida de automóveis, onde nós, brasileiros, ainda mantemos uma pequena vantagem, mas nossos adversários ameaçam tirar nossa posição de vantagem. O campeonato mundial aqui é visto como uma disputa automobilística, onde algumas equipes tentam ocupar o lugar de destaque que até então pertencia, somente a nós brasileiros, com folga. Entretanto, o resultado da Copa de 2014 colocou a seleção brasileira numa posição vulnerável, se não for campeã em 2018 e o título ficar com a Alemanha ou Itália, o Brasil perderá a exclusividade de ser o único pentacampeão mundial.

No final do segundo parágrafo, o cronista salienta que Neymar não receberia o mesmo tratamento do colega Maicon porque o primeiro tem mais “**estrelinhas no ombro**” – fazendo referência às patentes do exército que são marcadas por estrelas - 4 estrelas e 5 estrelas – nas categorias, respectivamente, de general e marechal. Novamente, nesta passagem o autor abusa da metáfora do futebol como um centro de comando militar ao citar as distinções de patentes marcadas pelas estrelas na lapela da farda como acontece nas forças armadas.

Outra expressão clara de referência militar é “**preparar, apontar, fogo**” utilizada nos comandos militares, durante os períodos de guerra, quando os soldados estão preparando a artilharia para atacar o inimigo. Esta expressão, algumas vezes, é proferida por comentaristas quando a bola está para marcar um pênalti que pode mudar o rumo do placar da partida.

Paulo Cezar finaliza a crônica, frisando uma vez mais a referência ao enfoque militar dentro da seleção ao usar a expressão “a cultura **botinuda**” – a cultura da força e da violência, a forma rude e severa de tratar seus componentes da equipe e submeter os indisciplinados a punições rígidas. O cronista retoma aqui a ideia inicial do texto sobre a punição excessivamente que sofreu o jogador Maicon. A palavra “botinuda” pode ser considerada uma criação de informalidade do discurso do cronista e está relacionada às botas fortes e quase indestrutíveis que os soldados usam no exército, que são resistentes a intempéries e ao uso contínuo nos campos de treinamento.

Concluimos que a presença das expressões metafóricas associando o futebol ao regime militar fica evidente em todo o texto analisado. Podemos reforçar que o desenvolvimento de uma partida de futebol pode ser comparado ao funcionamento de uma equipe militar, apontando para os conceitos já mencionados por Lakoff e Johnson (2002). Os teóricos conceituam que: inserimos as expressões metafóricas no nosso cotidiano e processamos nossos pensamentos metaforicamente, quase sem sentir, usamos comparações para classificar e definir o que pretendemos comunicar.

No último parágrafo da crônica, ainda podemos destacar outra expressão interessante com contexto histórico, mas de uso informal que consideramos de valor para o aprendizado do aluno internacional: **a ditadura na veia**. Neste trecho, Paulo Cezar quer situar seu leitor no tempo, no tempo da ditadura na veia, nos anos 70. A metáfora está presente quando o escritor descreve a imagem como se a ditadura corresse nas veias dos brasileiros no período citado, como se fosse um fluido sanguíneo. A ideia é que a ditadura estava sendo injetada no nosso organismo naquele período, aquele regime de exceção fazia parte da nossa vida e convivíamos com ele diariamente.

Aplicação em PLE: Proposta de Exercício

Acreditamos que o tema futebol pode ser bem aproveitado em sala de aula. Propomos a seguir um exercício de interpretação de texto em dois momentos: com leitura e compreensão do texto. A pesquisa prévia do vocabulário faz-se necessária, porém observamos que se a preparação do vocabulário for dada como tarefa de casa pode causar certo desinteresse aos alunos durante a atividade em sala. Sendo assim, sugerimos a leitura ampla orientada pelo professor e depois uma mais minuciosa que poderá ser feita em duplas para que um aluno ajude ao outro a atingir o sentido real do texto proposto. O exercício abaixo foi elaborado para alunos de nível intermediário a avançado. Os alunos precisam ter algum domínio da escrita para responderem a parte final do exercício.

O texto – A crônica de Paulo Cezar – Jornal O Globo – (04.08.14)

Título: A culpa é do Paolo Rossi:

Não tenho absolutamente nada contra o Dunga. Ele não pode ser culpado por ser amigo do Gilmar Rinaldi, que é amigo do Ricardo Teixeira, que **ainda distribui as cartas na** (1) CBF. Este papo é muito chato e já **se desgastou** (2). Tenho raiva é do italiano Paolo

Rossi que em 1982, com seus três gols, não só nos fez perder uma Copa, mas nos **empurrou para a beira do abismo** (3) e roubou nossa identidade, nossa raça de jogar, numa das grandes injustiças do futebol mundial. Aquela seleção com Falcão, Cerezo, Zico, Sócrates, Leandro & Cia não merecia tamanho castigo. Considero aquela Copa ganha por nós. Eu e grande parte dos brasileiros, porque os brasileiros gostam de futebol bem jogado, dos dribles desconcertantes, das tabelas mágicas, dos lançamentos precisos, da molecagem. Nas minhas contas, o futebol arte já ergueu quatro canecos_58/62/70/82_ e estamos vencendo por 4x2 do futebol força. Os outros títulos brasileiros se deram graças aos talentos individuais de Romário, Bebeto, Ronaldo e Rivaldo. E olha que **eu estou quebrando o galho** (4) e deixando 86 de fora. Brasil 1x1 França foi um jogo. O Brasil perdeu, e daí??? O caminho era aquele.

Falta arte, sim! Hoje, vivemos o futebol **bombadão** (5) e até os jogadores levam apelidos intimidadores ou de super-heróis vitaminados. Temos o Hulk, o He-man, o meu **Fogão** (6) trouxe o Mamute e o Vasco, em sintonia com as arenas, contratou um Gladiador. É, eu devo estar errado por sentir saudade da pureza do Garrincha.

Conversação e compreensão do texto:

Você gosta de futebol? Qual o seu time no seu país? O seu país já ganhou alguma Copa do Mundo?

O que é o futebol arte para Paulo Cezar – autor do texto?

Quais campeonatos o cronista considera jogados com futebol arte?

Você conhece o Paolo Rossi? Por que o autor faz referência ao jogador italiano?

Você concorda com a opinião do cronista sobre a forma de jogar futebol atualmente?

Quem é o Dunga que o autor se refere na primeira linha? Você sabe por que ele tem este apelido?

Qual o sentimento do cronista ao escrever o texto? Ele está alegre ou triste?

Você daria outro título ao texto?

Atividade 2 – Produção escrita e checagem de vocabulário:

1. Os alunos agrupados em duplas ou trios – Discutir com seu colega e responder:

Explique com suas palavras as expressões grifadas no texto:

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.

5.

6.

2. Escreva um texto usando ao menos 3 das expressões acima:

Considerações finais

Gostaríamos que a nossa análise e pesquisa pudessem ser úteis para esclarecer conteúdos em sala de aula nas práticas de compreensão e interpretação de textos e exercícios de fixação de vocabulário informal para os estudantes de PLE de nível intermediário a avançado.

Acreditamos que o texto escolhido possui um vocabulário rico em expressões coloquiais que irão ajudar o aluno internacional a se entrosar com os amigos cariocas e conversar sobre as partidas de futebol da semana. Percebemos que se faz necessário mostrar esta variedade vocabular ao estudante em imersão no país.

Complementando a nossa conclusão, consideramos interessante ressaltar as palavras ditas por Jô Soares, recentemente, numa entrevista ao jornal “Folha de São Paulo” sobre a linguagem e sua atualidade. “ Se você usa uma linguagem morta, o texto que você escreve perde a vida, fica morto “⁴³. (Folha de SP – 15/10/2014). Este comentário de Jô Soares recebeu críticas de alguns eruditos pela ré escritura de trechos de peças clássicas, usando construções mais atuais. Consideramos a posição de Soares bastante pertinente para reforçar o caráter dinâmico da língua o que mais uma vez corrobora a relevância da nossa pesquisa. A colocação de Jô Soares argumenta a favor do uso da linguagem mais próxima do público leitor ou do espectador – fato que tornam as crônicas de Paulo Cezar uma leitura tão “saborosa”.

⁴³ Jô Soares é um humorista brasileiro que também escreve peças de teatro e comanda um programa de entrevistas no canal GNT.

E finalizaremos reforçando a ideia do dinamismo da linguagem ao repetirmos aqui uma frase mencionada, muitas vezes, pelo Professor Heliseu, personagem principal, do último romance de Cristóvão Tezza⁴⁴: “**as palavras são iguais às moedas, só têm valor as de uso corrente**”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. 2010. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

CALDAS-COULTHARD, C. 2008. *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Editora da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina.

HALLIDAY, M.A.K & HASAN, R. 1985. *Language, context, and text: aspects of language in a social- semiotic perspective*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. 2002. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

NEVES, M. H. M. 1997. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Anexos

Anexo 1 – Apresentar Armas!!! Sentido!!! (25.9.2014) – Jornal “O Globo”

O soldado raso Maicon foi cortado!!! O soldado raso Maicon chegou atrasado no quartel e os oficiais da CBF não admitem indisciplina. Não precisa jogar bola, dar balõezinhos e canetas, basta cumprir horários, respeitar a dieta balanceada e correr 20 quilômetros durante as partidas para ser convocado. E, agora, após o hino nacional a continência será obrigatória. E os uniformes serão redesenhados. Os oficiais preferem o modelito camuflado.

Maicon, você não sabia que estava no grupo apenas para passar sua experiência e dar exemplo de dedicação aos mais jovens? Como atrasar onze horas na apresentação, Maicon? Nosso futebol não admite atrasos, estamos a léguas de distância de nossos adversários e observamos a Alemanha e a Espanha pelo retrovisor. Maicon, meia volta, volver!!! Os *botinudos* saíram de campo e estão no poder. E se Neymar tivesse se

44 Cristóvão Tezza é um escritor brasileiro. Autor de vários romances e é mundialmente conhecido pelo seu livro “O Filho Eterno” que é uma obra autobiográfica.

atrasado onze horas? Esse tem mais estrelinhas no ombro e os oficiais fariam vista grossa, com certeza. Sinceramente, por que expulsaram Maicon desta forma? Bastava esperar o jogo contra o Equador passar e nunca mais convocá-lo.

E por que nenhum jogador saiu em sua defesa? A cana é dura? Uma vez, em 1970, ditadura na veia, o chefe da delegação, brigadeiro Jerônimo Bastos, flagrou a mim, Clodoaldo e Marco Antonio pegando nas mãos das mexicanas e pediu nossas cabeças, mas Pelé saiu em nossa defesa. É, tinha o Pelé..., mas a mentalidade brucutu não mudou. Por outro lado, nossos craques de hoje são soldados. Correm de um lado para o outro como formiguinhas, desarmam, combatem e obedecem a ordens: “preparar apontar, fogo!” É uma pena que a cultura *botinuda*, da canção marcha- soldado, cabeça de papel, venha conquistando tantos territórios.